



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO DE LICENCIATURA DE UMA FACULDADE DE ARACAJU – SERGIPE

Laudelino Luiz Castro Tanajura[1]

Everton da Paz Santos[2]

Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência, a partir de uma análise da prática docente de professores no contexto de um curso noturno de licenciatura em uma faculdade particular do município de Aracaju-SE. Observa-se que muito se discute sobre a questão da formação e da prática dos professores, tornando-se um tema recorrente no meio acadêmico. Logo, neste trabalho, Para desenvolver a pesquisa, utilizamos como instrumento o método da observação *in loco*, tendo como objetos de análise dois professores e os alunos de duas turmas, 1º e 2º períodos respectivamente. Os resultados observados diante da avaliação dos depoimentos coletados apontam para uma reflexão no processo de formação do professor, no sentido de avaliar sua prática educativa, ou seja, o seu fazer pedagógico.

Palavras-chave: Professor. Prática docente. Interação professor-aluno.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo describir la experiencia, a partir de un análisis de la práctica docente de los profesores en el contexto de un título de curso nocturno en una universidad privada en la ciudad de Aracaju-SE. Se observa que hay mucha discusión sobre el tema de la formación y la práctica de los docentes, convirtiéndose en un tema recurrente en el mundo académico. Por lo tanto, en este trabajo, el desarrollo de la investigación, se utiliza el método como medio de observación *in loco*, que tiene como objeto de análisis de dos profesores y estudiantes de dos clases, primero y segundo períodos, respectivamente. Los resultados observados en la evaluación de los testimonios recogidos apuntan a un proceso de reflexión en la formación docente, con el fin de evaluar su práctica educativa, es decir, su quehacer pedagógico.

Palabras clave: Teacher. La enseñanza práctica. La interacción profesor-alumno.

[1] Pós-graduado em Didática e Metodologia do Ensino Superior NEP/FSLF; Membro do Grupo de Pesquisa GPGFOP/UNIT/CNPq; na linha de Iniciação à Pesquisa Científica na Educação Superior e na área Ensino Aprendizagem; E-mail: professorlaudelino@ig.com.br.

[2] Licenciado em Química pela Faculdade Pio Décimo. Mestrando em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal de Sergipe (NPGEICIMA-UFS); Membro do Grupo de Pesquisa GPGFOP/UNIT/CNPq; E-mail: eda-paz@hotmail.com.

Introdução

Um dos temas mais recorrentes nos meios acadêmicos, é a importância da convivência saudável e motivadora que deve existir entre professores e alunos, logo, neste trabalho, demonstrou-se uma análise da prática docente de professores no contexto de um curso noturno de licenciatura em uma faculdade particular do município de Aracaju-SE. Para desenvolver a pesquisa, utilizamos como instrumento o método da observação *in loco*, tendo como objetos de análise dois professores e os alunos de duas turmas, 1º e 2º períodos respectivamente.

Entendemos que as relações entre professores e alunos dependem das formas de comunicação, que os aspectos afetivos e emocionais contribuem para a dinâmica das manifestações na sala de aula, e que fazem parte das condições organizativas do trabalho do docente. Segundo Libâneo (1994, p. 21), a interação professor-alunos é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades.

É preciso que o educador busque inserir a contextualização na prática docente, considere o aluno um sujeito integral e concreto, isto é, um indivíduo que a partir da sua história de vida, tem um capital cultural absorvido da interação com o meio social em que se encontra inserido, apresenta uma identidade não só individual, como também coletiva, o qual está relacionado à sua classe social de origem.

Libâneo (2011, p. 42), comenta que:

O professor precisa juntar a cultura geral, a especialização disciplinar e a busca de conhecimentos conexos com sua matéria, porque formar o cidadão hoje é, também, ajuda-lo a se capacitar para lidar praticamente com noções e problemas surgidos nas mais variadas situações, tanto do trabalho, quanto sociais, culturais e éticas.

Desta forma, torna-se fundamental que o professor busque na sua formação permanente, o sentido do: “Por quê Para que E como” ensinar aos seus alunos, tendo sempre em consideração a realidade e a experiência de cada um, preparando e planejando sua prática docente, procurando sempre transmitir aos seus alunos aquilo que faz, parte de sua realidade.

Prática do professor em sala de aula

De acordo com Libâneo (1994), podemos ressaltar dois aspectos da interação professor-alunos no trabalho docente: o aspecto cognoscitivo (que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos) e o aspecto sócio emocional (que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente).

Corroborando com o aspecto sócio emocional, Vasconcellos (1993), diz que a prática realizada em sala de aula exige do professor o entendimento de como acontece e se constrói a aprendizagem na vida do ser humano. Para que haja a compreensão deste processo, é necessário que o professor crie vínculos afetivos com seus alunos, tenha em mente que o seu aluno é um ser cheio de ideias e experiências próprias, e que precisam ser escutados para a construção de seu conhecimento.

O professor não deve ser apenas alguém que aplica conhecimentos pré-produzidos por terceiros, nem tão somente um agente indicado e manipulado por mecanismos sociais, mas sim um ator no sentido forte do

termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo dá a realidade, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta.

Na visão de Libâneo (1994), o caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana. O espaço da sala de aula é um lugar privilegiado, nela, os professores e alunos se encontram regularmente e participam de um ambiente social diversificado no qual se faz necessário estabelecer uma convivência harmoniosa.

Acredita-se ainda que:

[...] a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes (VASCONCELLOS, 1993, p. 35).

O autor enfatiza ainda que o professor para atuar verdadeiramente como tal deve considerar sempre a realidade da sala de aula, sabendo que é com os alunos que ali estão que ele terá que trabalhar, mesmo não sendo estes o modelo ideal.

Não é demais afirmar que a prática da docência exige do educador uma ação consciente das atividades que exerce em sua sala de aula. Essa reflexão sobre a sua prática, os levaria a elaborar seu trabalho didático-pedagógico de forma a despertar no aluno habilidades que os capacite, a provocar, a desafiar, de contagiar, de despertar o desejo, fazendo com que ele realize, por meio da interação educativa, a construção e formação do seu próprio conhecimento.

Para Libâneo (2011, p. 43), obviamente, os professores de hoje sabem que diferenças sociais, culturais, intelectuais, de personalidade, são geradoras de diferenças na aprendizagem. O mesmo afirma que o respeito às diferenças vai mais longe, implica um posicionamento ativo de reconhecer a diversidade que é ver em cada indivíduo a presença do universal e simultaneamente a do particular.

Ainda de acordo com o que apregoa Libâneo (1994, p. 252), A autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino, no tato em lidar com a classe e com as diferenças individuais, na capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente. O mesmo atesta que:

“Atender à diversidade cultural implica, pois, reduzir a defasagem entre o mundo vivido do professor e o mundo vivido dos alunos, bem como promover, efetivamente, a igualdade de condições e oportunidades de escolarização a todos” (LIBNEO, 2011, P. 43).

O professor deve provocar o pensar e promover a reflexão crítica e coletiva em sala de aula, propiciar uma verdadeira atividade de interação que viabilize os processos mentais mais elevados, que ajudem os alunos a compreenderem a realidade em que estão inseridos, tendo o conhecimento como meio, assim o educador atuaria como facilitador das relações, apresentando os problemas em diferentes contextos. O ser humano é complexo e aspira poder administrar essa complexidade. Só os instintos animais são simples. De Masi, (2000, p. 289).

Quando a sociedade enfrenta um problema complexo, tenta simplifica-lo, buscando transformá-lo em vários pequenos problemas simples. Já o professor é capaz de enfrentar problemas bastante complexos porque dispõe de instrumentos igualmente complexos e abstratos. A ação reflexiva do professor tem um caráter emancipatório e político, quando é capaz de perceber e desmistificar as desigualdades e injustiças

que se produzem na sala de aula, seja a partir da própria ação do professor, ou da sua ação em conjunto com a dos alunos. E desse modo toda a cadeia de necessidades de aspecto sócio emocional é superada, problemas e soluções do ensino-aprendizagem se tornam mais humanos, facilitando a relação aluno professor em sala de aula.

Postura do professor em sala de aula

Todos que vislumbram a carreira de professor devem ter em mente, que somente após a sua formação inicial a qual recebeu um embasamento teórico, e de ter iniciado o exercício da prática docente propriamente dita, é que terá a percepção concreta de qual é de fato a sua postura em sala de aula, “que tipo de professor eu sou, e como o aluno me vê”

O educador precisa estar preocupado tanto com os alunos quanto com o conhecimento que precisa transmitir, uma vez que, essas inquietações são fundamentais para alcançar seus propósitos de ensino e aprendizagem e estar convicto de suas responsabilidades nesse processo. O professor também deve estar disposto a adotar uma prática inovadora e que dê resultados na aprendizagem de seus alunos, é necessário uma constante reflexão “do que e como ensinar”, refletindo e percebendo quais os pontos que precisam ser modificados quais dificuldades podem ser encontradas e como preparar os alunos para lidar com elas.

Sob essa luz comenta Libâneo (1994, p.12).

“As dificuldades encontradas no estudo não podem levar os alunos ao desânimo. O professor deve colocar essas dificuldades como desafios a vencer. Muitos assuntos serão melhor assimilados ao longo do curso; outros ganharam significado com a prática profissional. Os alunos devem ser encorajados a buscar mais conhecimento, a ampliar sua visão das coisas, a se manterem informados dos acontecimentos políticos, econômicos, culturais e educacionais, a discutirem com fundamento os problemas da profissão, da cidade e do país. Para isso, precisam convencer-se da importância do estudo sistemático e ganhar confiança em relação às suas próprias possibilidades intelectuais”.

No entanto, além de ter a tarefa de passar para os alunos as informações que lhe são pertinentes, cumprindo o planejamento e conteúdos, ainda vai se deparar com as exigências de uma conduta ética moral, “a prática docente especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se exigir seriedade e retidão” (FREIRE, 2009).

Conclui-se, portanto que a postura do professor deve ser vista de forma impar por seus alunos, servindo de referência não só na aprendizagem, como também na forma de se relacionarem uns com os outros em sala de aula, e com a sociedade como um todo. A autoridade do professor deve ser exercida sem cercear a relação educativa, necessária para a transmissão e aquisição do conhecimento, ela deve ser fruto de qualidades intelectuais, morais, e técnicas.

Relação professor aluno em sala de aula

Sabe-se que até a década de 1960 as instituições de ensino acreditavam que a rigidez no trato era essencial para que os alunos aprendessem. Esse modelo de ensino conservador e retrógrado não deveria ter espaço na sociedade do século XXI, mas infelizmente, há instituições de ensino que se vestem de modernidade, mas em sua prática explicitam uma educação rígida.

O ideal segundo Freire (2007, p. 69-70), são professores sem receio de expressar sua afetuosidade, “é preciso não ter medo do carinho [...]. Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente como um quefazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos”.

Ainda nesta perspectiva, Libâneo (1994), diz que não devemos tratar os alunos de forma materna ou paterna, o que não impede o professor de atender um ou outro aluno que necessite de uma atenção especial, um grupo de alunos, ou toda a turma, desde que a interação esteja voltada para a atividade objetivo da aula. Cabe ao professor o controle desse processo e o estabelecimento de normas que deixem bem claro o que se espera dos alunos.

O Autor ainda afirma que:

“Do ponto de vista das relações entre autoridade e autonomia, a interação professor-aluno não está livre de conflitos ou de deformações. Em nome da autoridade, o professor se apresenta com superioridade, faz imposições descabidas, humilha os alunos. Tais formas de autoritarismo – a exacerbação da autoridade – não são educativas, pois não contribuem para o crescimento dos alunos. O professor autoritário não exerce a autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência dos alunos. Transforma uma qualidade inerente à condição do profissional professor numa atitude personalista”. (LIBNEO, 1994, p. 253).

Quanto a isso, Freire (2009), comenta que o juízo de valor emitido pelos alunos a respeito de seus professores é utilizado como exemplo, sendo assim, o professor deve ter ciência que deixa sempre uma marca em seus educandos, seja como autoritário, licenciado, competente ou irresponsável, daí a importância de sua postura em sala e na comunidade. O ambiente utilizado para construção do conhecimento precisa ser tido como um referencial de características positivas e motivadoras. Todos que estão presentes em sala de aula possuem uma história que será transformada a partir das experimentações que forem acontecendo no decorrer de sua existência e com a convivência estudantil não é diferente.

Aprendemos que o ser humano torna-se humano pela socialização que é necessária para sua saúde física e mental. Essa socialização deve ser aprendida, exercitada, e nada melhor do que a instituição de ensino para cumprir este papel. Consequentemente, se a educação dos seres humanos pouco a pouco se tornou mais complexa, o mesmo deverá acontecer à profissão docente. Essa complexidade é incrementada pela mudança radical e vertiginosa das estruturas científicas, sociais e educativas.

No em tanto a relação existente entre professor-aluno e aluno-professor não é simples, e muito menos fácil, por termos normalmente diferenças nas idades; na forma de ter constituídos os valores e crenças; princípios e comportamentos. Em que cada um dos indivíduos tem absorvido concepções diferentes de mundo, principalmente esta nova geração do século XXI, “geração *high tech*” que tem acesso às diferentes formas de informações, ao que acontece no mundo e maior agilidade na utilização dos modernos recursos tecnológicos, muitas vezes mais fluentemente do que os seus professores. Os professores têm ainda a responsabilidade e o dever de tentar minimizar seus gostos pessoais e preferências para não prejudicar e confundir seus alunos, provocando sentimentos de baixa autoestima.

Para confirmar essa ideia, discorre Libâneo (1994, p. 17), “através da ação educativa o meio social exerce influência sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social”. Além disso, “tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados, pelas novas gerações”.

Além dessas influências e interações que, bem encaminhadas, contribuem para o clima de trabalho, o comprometimento entre o professor e seus alunos, deve refletir a importância da relação, tanto da parte do professor que deve almejar que todos os seus alunos comprometam-se do mesmo modo – o qual ele considera o correto, bem como os alunos que não podem confundir a função.

Metodologia e Apresentação dos resultados

A pesquisa foi realizada numa Instituição de Ensino Superior da rede Privada, localizada no município de Aracaju – SE. Foram realizadas observações *in loco* durante as aulas de um curso de licenciatura durante um semestre. O objeto de análise foram dois professores e os alunos de duas turmas do 1º e 2º períodos. As observações realizadas levaram em consideração a interação do diálogo entre os professores e os alunos de uma disciplina, além da participação dos alunos em sala de aula e a metodologia utilizada pelo docente, a fim de avaliar o nível de interações entre ambos os sujeitos diante dos depoimentos coletados em sala de aula.

A função que a educação exerce de ensinar e formar, deveria contemplar outra categoria, a alegria, é o que encontramos em Snyders (1993), quando afirma que a escola preenche duas funções: preparar o futuro e assegurar ao aluno as alegrias presentes durante esses longuíssimos anos de escolaridade que a nossa civilização conquistou para ele”.

Durante a observação da sala do 1º período, o professor A, correspondia a este aspecto destacado pelo autor, pois ele valorizava a alegria presente em sala, falava de forma cordial e desprendida com seus alunos e demonstrava satisfação em estar com eles, mesmo quando chamava a atenção, como mostra o comentário abaixo:

“Tem gente que levou atividades para serem feitas no final de semana e não fez nem metade do que era para ser feito... mas não faz mal, vamos verificar quais foram essas questões e quais as dúvidas, possa ser que também sejam as dúvidas de outros colegas” (Fala do Professor A).

Nas observações realizadas no campo empírico, constata-se que na sala de aula do 1º período, o vínculo afetivo do professor com a turma proporcionava uma interação e o desenvolvimento das atividades de modo muito mais satisfatório que o da turma do 2º período, onde o professor B, não demonstrava interesse em manter um vínculo emocional positivo com seus alunos.

O professor B, do 2º período, não demonstrava afeto, valorizando um clima sisudo e cheio de ameaças, como se observa em sua fala:

“SILÊNCIO! Vocês acabaram de vim do intervalo, já tiveram tempo de sobra para conversar, se querem continuar conversando fiquem lá fora!” – Chama outro aluno e diz, “Inicie a leitura do texto no ponto onde paramos na última aula, eu não tenho que esperar a boa vontade de vocês” (Fala do Professor B).

Com essa forma ríspida de agir, o professor B não contribuía para a boa relação e alegria em sala de aula. A postura que o professor adota em sala de aula é determinante para a facilitação ou não da aprendizagem de seus alunos. Se o professor se mostra como “dono do saber” faz com que o educando fique receoso de não corresponder às expectativas e desestimula a sua participação e o envolvimento no processo de ensino. Este comportamento visto no professor B gera o medo do fracasso, o medo de enfrentar o difícil, acionam mecanismos profundos de defesa: ceticismo generalizado recusa das obrigações e avaliações, que estão diretamente relacionados ao meio social onde vivem. Encontramos este entendimento em Libâneo (1994), ao afirmar que a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, e que segundo os quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente.

Nas interações observadas foi nítida essa diferença que a postura do professor cria para facilitar ou não a aprendizagem. O professor A, desde o começo, estabeleceu com clareza o objetivo da aula e trabalhou nele até o fim. Com muita facilidade e desenvoltura verbal e de expressão, conduziu bem o assunto com a explicação do som das palavras no contexto frasal na elaboração de artigos científicos, onde os alunos

tinham a oportunidade e liberdade de se expressarem de forma a participarem ativamente, completando as frases de acordo com as palavras que a professora trabalhava. A experiência vivida permitiu perceber que a aula deve ser um momento de troca.

O ensino deve ser entendido como uma ajuda ao processo de aprendizagem ajuda essa, necessária, porque sem ela é muito pouco provável que os alunos cheguem a aprender, e a aprender de maneira mais significativa possível, os conhecimentos necessários para seu desenvolvimento pessoal e para sua capacidade de compreensão da realidade e de atuação nela. O conhecimento que o professor A, externava tanto pelo controle que tinha da turma como também pela sua fala, transpassava um clima de compreensão, entendimento e serenidade, tendo em vista que mesmo com algumas conversas entre os alunos, eles participavam da aula.

O professor B conduz sua aula de uma forma ríspida, na sua maneira de tratar os alunos, com a voz alterada, em tom ameaçador, solicitava-os para que concluíssem o resumo do texto que avião acabado de ler. Esta observação é criticada por Durkheim (1978), o qual defende que a autoridade do professor implica a confiança e o sentimento da própria autoridade, pois ninguém pode “manifestar autoridade se efetivamente não a possui”. Ela não é fruto do direito de punir e de recompensar, mas sim da consciência que o professor tem de seu papel. É necessário que ele “creia na missão que lhe cabe e na grandeza dessa missão”.

No entanto o professor B procurava manter o controle da turma com ameaças, falando em tom ríspido que não permitiria conversas paralelas e proibia os atrasados de entrar em sala dizendo, “depois que eu entro ninguém mais pode entrar se não vira bagunça” (fala do professor B) além da falta, esses alunos sentiam-se prejudicados em suas atividades, uma vez que, quem estava em sala de aula era valorado. Enquanto o professor escrevia no quadro, solicitou a um aluno que corresse uma lista com assinatura dos presentes, e os que conversavam tinham o seu nome pronunciado em voz alta e eram repreendidos sem muito trato, a expressão do professor B abaixo evidencia este fato:

“Se você quer conversar vá fazer companhia a seus amigos lá fora, não atrapalhe que quer alguma coisa” (fala do professor B).

Há indagações sobre a construção do pensamento dos alunos, bem como a construção dos modelos sociais que o professor expressa ao atuar em uma sala de aula onde os alunos são objetos de intervenção e estão sendo constituídas as regras, a cultura, os valores, as crenças, efetivados no processo de escolarização efetivado pela prática docente. A esse respeito Freire (2007) afirma que a prática pedagógica tem uma natureza formadora a partir do exemplo.

O professor A propôs uma atividade da disciplina Metodologia do Trabalho Acadêmico, na qual os alunos tinham que produzir um resumo, para fossem apresentados durante a realização de um evento na instituição. Diante deste fato, o professor indagou que grande parte dos alunos apresentou dificuldades na escrita com erros ortográficos, além disso, posicionou-se da seguinte forma: “Seria mais conveniente refazer a escrita dos resumos” (fala do professor A). Todos concordaram, e juntos os alunos reescreveram os textos da melhor maneira possível. Essa atitude positiva do professor, esta apoiada no pensamento de Freire (2007) ao mencionar que ensinar é criar possibilidades para a sua construção. Na reescrita do texto foi possível perceber algo muito positivo, inovador, foi satisfatório oportunizar aos alunos essa experiência, para que eles possam refletir sobre suas ações e seu conhecimento.

Conclusão

Ao buscar e identificar como se dá a relação professor-aluno, temos que a prática pedagógica do professor em sala de aula deve ser algo a ser realizado com bastante dedicação, planejamento e sempre voltado aos interesses dos alunos, relacionando sempre com sua realidade, sem deixar de embasar sua prática docente ao projeto político pedagógico da instituição.

Com relação aos sujeitos da análise (professores) observamos que, o professor A, tem uma melhor organização e preocupação com o desenvolvimento de seus alunos, e que durante a observação em sala de aula, podemos perceber que sua prática está voltada aos interesses e realidade de seus alunos, pois, ele sempre está perguntando e questionando a eles sobre assuntos relacionados ao conteúdo aplicado em sala de aula, bem como de assuntos de interesses dos alunos.

Desta maneira, o professor A, realiza uma atividade pedagógica prazerosa, demonstrando que seu intuito é favorecer a aprendizagem de seus alunos e a condução para a autonomia dos mesmos. Contrapondo o professor B, que mantém uma relação baseada no medo, na ameaça, passando conteúdo, mas sem a preocupação de que seus atos refletirão de maneira negativa no desenvolvimento dos educandos. De forma geral, ao analisarmos a interação que aos professores mantêm com seus alunos, nos deparamos com duas situações distintas. Esta pesquisa abre espaço para indagarmos sobre: o que falta a esse professor B, e a tantos outros para que reaprendam o que é realmente ensinar, qual o valor de ser exemplo, de agir com justiça, de ter paciência e controle de suas emoções para tratar o outro com respeito e de forma afetiva

Os resultados observados diante da avaliação dos depoimentos coletados apontam para uma reflexão no processo de formação do professor, no sentido de avaliar sua prática educativa, ou seja, o seu fazer pedagógico. É importante ressaltar que, o período de observações e a quantidade dos sujeitos em questão, tratando-se especificamente do professor, é considerado pouco para uma avaliação mais profunda da discussão desta temática, fundamental no processo educativo e principalmente na formação dos sujeitos enquanto cidadãos.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**. São Paulo: Cortez, 2011.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 2011.

LIBNEO, José Carlos. **Didática**. 32. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

NÉRICI, Imídio. **Educação e ensino**. 1. ed. São Paulo: Ibrasa, 1985.

SNYDERS, George. **Alunos felizes**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.